

## DATA DOS SEMINÁRIOS DE PÓS

### **1º de dezembro**

Mariana Fernandes Perna – “A música da mulher morta” e “Cidadão”, do grupo musical Passo Torto.

Laura Del Rey – “Casa da Erva Mate”, de Simone de Andrade Neves.

### **8 de dezembro**

Marina Vaz Moreira – “Ciranda do aborto”, de Kiko Dinucci.

Marcelo Freitas de Oliveira – “Escada”, de Carlos Drummond de Andrade.

### **15 de dezembro**

Maria Elizabeth Loeffler – “Um chamado João”, de Carlos Drummond de Andrade.

Iolanda Guilherme – “L’infinito”, de Giacomo Leopardi (trad. de Vinicius de Moraes).

Seminário - análise de letra  
a partir de pesquisa de Marianna Perna (Mestranda IEB/USP)

Duas canções do grupo Passo Torto (disco *Passo Torto* - 2011)

\*

**A música da mulher morta**  
(Kiko Dinucci/Romulo Fróes)

Passei na frente da sua casa  
A porta aberta  
Janela trancada

Passei na frente da sua casa  
A rua deserta  
Calçada manchada

Passei na frente da sua casa  
Seu corpo coberto  
A pele marcada

Passei na frente da sua casa (4x)

Não sei se foi número certo  
Não sei se foi na hora errada (2x)

## Cidadão

(Romulo Fróes/ Rodrigo Campos)

Cidadão esquizofrênico rondando na periferia  
Às vezes lúcido, infeliz, conforme a luz, conforme o dia  
Ouvindo vozes na cabeça, ouvindo Dylan  
Vendo rock'n'roll passar.

Cidadão esquizofrênico parado em frente ao boteco  
De galocha, na avenida principal, pedindo um teco  
Ouvindo um samba na cachola, ouvindo um rap  
Vendo Bruce Lee voar.

Meu bairro nunca foi igual ao bairro de nenhuma história  
E tem seu próprio carnaval, um cidadão nunca vai ser igual.

Cidadão esquizofrênico correndo no Jardim Valquíria  
Ansioso, a noite toda, procurando a luz do dia  
Estudando um Passo Torto, um samba, um rap  
Um rock pra se orientar.

Cidadão esquizofrênico morando na periferia  
Às vezes lúcido, feliz, conforme a luz, conforme o dia  
Ouvindo um rock na cabeça, ouvindo um chip  
Vendo James Dean dançar.

Meu bairro nunca foi igual ao bairro de nenhuma história  
E tem seu próprio carnaval, um cidadão nunca vai ser igual.

(instrumental)

Meu bairro nunca foi igual ao bairro de nenhuma história  
E tem seu próprio carnaval, um cidadão nunca vai ser igual  
Iguais.

## Casa da Erva Mate

Há soldados  
que não portam rifles  
mas sabres.  
Sabes o efeito de um sabre?

Em marcha contínua  
pernas pás  
no desintegro da carnadura.  
Toras de madeira  
ou Soldados de Salamina  
pisam a erva e voltam-se os pés.

No fêmur com o ilíaco  
vai a erva contra a madeira  
desistindo de ser.  
E quando pensa-se que não  
renasce o verde  
no coração da casa.

Simone de Andrade Neves, *Corpos em marcha* (2015).

## **CIRANDA DO ABORTO**

*(Kiko Dinucci)*

Passa na carne a navalha  
Se banha de sangue  
Sorri ao chorar  
Cobre o amor na mortalha  
Pra ele não acordar

Sente no fel deste beijo  
O agouro da morte  
A se revelar  
A vida sem endereço  
E sem lugar pra ficar

Vem despedaçado  
Vem, meu bem querer  
Vem aqui pra fora  
Vem me conhecer

A ferida se abriu  
Nunca mais estancou  
Pra você se espalhar  
Laceado

Mas o chão te engoliu  
Toda a lida findou  
Pra você descansar  
no meu braço

No meu braço  
Aos pedaços

## ESCADA

Na curva desta escada nos amamos,  
nesta curva barroca nos perdemos.

O caprichoso esquema  
unia formas vivas, entre ramas.

Lembras-te, carne? Um arrepio telepático  
vibrou nos bens municipais, e dando volta  
ao melhor de nós mesmos  
deixou-nos sós, a esmo,  
espetacularmente sós e desarmados,  
que a nos amarmos tanto eis-nos morridos.

E mortos, e proscritos  
de toda comunhão no século (esta espira  
é testemunha, e conta), que restava  
das línguas infinitas  
que falávamos ou surdas se lambiam  
no céu da boca sempre azul e oco?

Que restava de nós,  
neste jardim ou nos arquivos, que restava  
de nós, mas que restava, que restava?  
Ai, nada mais restara,  
que tudo mais, na alva,  
se perdia, e contagiando o canto aos passarinhos  
vinha até nós, podrido e trêmulo, anunciando  
que amor fizera um novo testamento,



e suas prendas jaziam sem herdeiros  
num pátio branco e áureo de laranjas.

Aqui se esgota o orvalho,  
e de lembrar não há lembrança. Entrelaçados,  
insistíamos em ser; mas nosso espectro,  
submarino, à flor do tempo ia apontando,  
e já noturnos, rotos, desossados,  
nosso abraço doía  
para além da matéria esparsa em números.

Asa que ofereceste o pouso raro  
e dançarino e rotativo, cálculo,  
rosa grimpante e fina  
que à terra nos prendias e furtavas,  
enquanto a reta insigne  
da torre ia lavrando  
no campo desfolhado outras quimeras:  
sem ti não somos mais o que antes éramos.

E se este lugar de exílio hoje passeia  
faminta imaginação atada aos corvos  
de sua própria ceva,  
escada, ó assunção,  
ao céu alças em vão o alvo pescoço,  
que outros peitos em ti se beijariam  
sem sombra, e fugitivos,  
mas nosso beijo e baba se incorporam  
de há muito ao teu cimento, num lamento.



Um chamado João

João era fabulista?

fabuloso?

fabula?

Sertão místico disparando

no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha

a quinta face das coisas

inenarrável narrada?

Um estranho chamado João

para disfarçar, para farçar

o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados

no apartamento?

no peito?

Vegetal êle era ou passarinho

sob a robusta ossatura com pinta

de boi risonho?



Era um teatro  
e todos os artistas  
no mesmo papel,  
ciranda multivoca?

João era tudo?

tudo escondido, florindo  
como flor e' flor, mesmo não semeada?

Mapa com acidentes  
deslizando para fora, falando?

Guardava rios no bôlso  
cada qual em sua cor de água  
sem misturar, sem conflitar?

E de cada gota redigia  
nome, curva, fim,  
e no destinado geral.

seu fado era saber

para contar sem desnudar

o que não deve ser desnudado

e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrechos,  
civilmente mágico, apelador  
de precipites prodígios acudindo  
a chamado geral?

Embaixador do reino  
que há por trás dos reinos,  
dos poderes, das  
supostas fórmulas  
do abracadabra, seísmo?

Reino cercado  
não de muros, chaves, códigos,  
mas o reino-reino?

Por que João sorria  
se lhe perguntavam  
que mistério é esse?

E propondo desenhos figurava  
menos a resposta que  
outra questão ao perguntante?

Tinha parte com... (sei lá  
o nome) ou ele mesmo era  
a parte de gente  
servindo de ponte  
entre o sub e o sôbre  
que se arcabuzeiam  
de antes do princípio,  
que se entrelaçam  
para melhor guerra,  
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João  
e se João existiu  
de se pegar.

21. XI. 1967

Carlos Drummond de Andrade

## L'INFINITO

Sempre caro mi fu quest'ermo colle,  
E questa siepe, che da tanta parte  
Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude.  
Ma sedendo e mirando, interminati  
Spazi di là da quella, e sovrumani  
Silenzi, e profondissima quiete  
Io nel pensier mi fingo; ove per poco  
Il cor non si spaura. E come il vento  
Odo stormir tra queste piante, io quello  
Infinito silenzio a questa voce  
Vo comparando: e mi sovvien l'eterno,  
E le morte stagioni, e la presente  
E viva, e il suon di lei. Così tra questa  
Immensità s'annega il pensier mio:  
E il naufragar m'è dolce in questo mare.

(Giacomo Leopardi, 1819)

## O INFINITO

Sempre cara me foi esta colina  
Erma, e esta sebe, que de tanta parte  
Do último horizonte, o olhar exclui.  
Mas sentado a mirar, intermináveis  
Espaços além dela, e sobre-humanos  
Silêncios, e uma calma profundíssima  
Eu crio em pensamentos, onde por pouco  
Não treme o coração. E como o vento  
Ouço fremir entre essas folhas, eu  
O infinito silêncio àquela voz  
Vou comparando, e vêm-me a eternidade  
E as mortas estações, e esta, presente  
E viva, e o seu ruído. Em meio a essa  
Imensidão meu pensamento imerge  
E é doce o naufragar-me nesse mar.

(Vinicius de Moraes, 1944)